A DIGNIDADE HUMANA EM GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA

Bruno Amaro Lacerda

Mestre e Doutor em Filosofia do Direito pela UFMG. Professor no Mestrado em Direito da Unipac (Juiz de Fora) e na Faculdade Pitágoras

(Divinópolis).

**RESUMO** 

A dignidade humana em Pico Della Mirandola parte de idéias já consolidadas sobre o tema, apresentando contribuição original quando indaga: por qual razão seria o homem um grande milagre? Pelos seus sentidos agudos? Pelo poder da sua razão? Por ser soberano das criaturas inferiores? Por que os seres humanos deveriam ser mais admirados, por exemplo, que os anjos? Este artigo vislumbra as explicações de Pico acerca de tais questões, buscando a

definição de felicidade como ser o que se quer.

Palavras-chave: Dignidade. Felicidade. Deus. Livre-arbítrio.

**ABSTRACT** 

Human dignity in Pico della Mirandola is based on ideas already consolidated on the subject, presenting an original contribution when he asks: for which reason the man would be a great miracle? By their acute senses? By the power of reason? Being ruler of inferior creatures? Why humans should be more admired, for example, that the angels?

This article discerns the Peak explanations about such issues, trying to define happiness as being be what you

want.

Keywords: Dignity. Happiness. God. Free will

Giovanni Pico nasceu em Mirandola, norte da Itália, em 24 de fevereiro de 1463,

e faleceu em Florença, também na Itália, em 17 de novembro de 1496. Teve uma vida

curta, mas marcada por grande entusiasmo intelectual e dedicação à filosofia. Oriundo

de uma família nobre, ainda muito jovem foi enviado para Bolonha pela mãe, a fim de

estudar Direito Canônico. Após dois anos de estudo, porém, percebeu que seu destino

ISSN: 1516-9367

não era se tornar jurista, mas filósofo. O desejo pelo saber filosófico, que lhe parecia mais fundamental e profundo que o saber jurídico, motivou-o a abandonar Bolonha e a se dirigir para Ferrara, onde, por dois anos, sob orientação de Battista Guarino, leu vários clássicos gregos e latinos. Entre 1480 e 1482, residiu em Pádua, onde tomou contato com o pensamento escolástico e sua forte influência aristotélica. Em 1484, dirigiu-se para Florença, onde entrou em contato com os platônicos (entre eles, Marsílio Ficino). O contato com o platonismo levou-o a pensar pela primeira vez naquilo que viria a ser sua tese principal: o *acordo* (concórdia) entre Platão e Aristóteles, ou, de modo mais geral, entre todas as concepções filosóficas divergentes. No ano seguinte, foi para Paris, centro cultural da época, onde passou a dedicar-se integralmente à filosofia, sua verdadeira vocação.

Dentre suas obras, a mais conhecida, e que condensa melhor suas teses, é o Discurso sobre a dignidade do homem, que passou a posteridade como uma espécie de manifesto renascentista do homem, descrito como centro do mundo (antropocentrismo). Mas por que esta obra, verdadeiro elo entre filosofia medieval e filosofia moderna, mereceria ser lida nos dias de hoje? Ora, mais do que um valor, ou uma constatação metafísica, a dignidade humana é hoje um princípio jurídico, encontrando-se protegida como norma nas Constituições das nações civilizadas. As Constituições, todavia, não dizem o que é a dignidade humana, apenas garantem-na em seu texto como princípio fundamental. É preciso, então, preencher a norma de sentido: devemos compreender o que é o homem e por qual razão ele possui uma dignidade que deve ser socialmente protegida. Para esta tarefa, a ciência jurídica deve buscar o apoio da filosofia. Neste breve artigo, limitar-me-ei a mostrar o fundamento filosófico que Giovanni Pico, em seu Discurso, apresenta para a questão da dignidade humana. Suas idéias, aparentemente circunscritas a um período determinado da história do pensamento (o Renascimento), ultrapassam esta perspectiva, alcançando validade atemporal.

A questão, na verdade, não era nova. Filósofos antigos e medievais haviam se preocupado com a questão do homem e do seu valor. Na Grécia antiga, Sócrates pode ser considerado um precursor nesse campo, pois todo o seu pensamento (que sobreviveu graças aos escritos dos discípulos) centra-se na idéia de que o homem é um ser diferenciado, pois é o único que possui uma psyché, uma alma que o torna capaz de pensar e de querer. A alma, dizia Sócrates, faz do homem um ser consciente e

Revista *Legis Augustus* (Revista Jurídica) Vol. 3, n. 1, p. 16-23, setembro 2010 ISSN: 1516-9367

18

inteligente, dotando-o também de uma grande responsabilidade: a de cuidar de si

mesmo, a de buscar uma vida em conformidade com o conhecimento, mantendo sua

alma sempre em boas condições. Sócrates não falava em "dignidade" (palavra de

origem latina), mas em areté (excelência, virtude): o homem é um ser único porque não

pode se preocupar somente com a conservação do seu corpo, mas também com a

preservação e melhoria da sua alma. O cultivo da alma, da inteligência, que ocorre por

meio da ciência, é a areté humana, aquilo que torna o homem um ser singular face aos

demais seres que com ele coexistem no mundo<sup>1</sup>.

Na Idade Média, encontramos a temática da dignidade humana em Tomás de

Aquino, expressão máxima do pensamento da época. Partindo da definição de "pessoa"

formulada por Boécio ("substância individual de natureza racional"), Santo Tomás

explica que o homem é uma substância racional porque tem o domínio de seus atos,

agindo por si mesmo e não pelo comando de outros seres. Em outras palavras, o homem

é livre, pois tem o poder de determinar-se, de agir por si mesmo. Isso lhe confere uma

superioridade em relação a todas as outras substâncias (entes) que não compartilham da

mesma potência. Essa superioridade é chamada expressamente de dignidade: "Ora, é

grande dignidade subsistir em uma natureza racional. Por isso dá-se o nome pessoa a

todo indivíduo dessa natureza, como foi dito" (Suma Teológica, I, 29, 3).

Estes dois exemplos (um antigo e outro medieval) mostram que a filosofia pré-

moderna identificou a dignidade ou o valor do homem com a razão, isto é, com a

capacidade humana de ordenar e conhecer o que está no mundo. A excelência humana é

o conhecimento que garante o bem-estar da alma, diz Sócrates. A dignidade humana

deriva da racionalidade, afirma Tomás de Aquino. Portanto, quando Giovanni Pico

enfrenta a questão, não parte da estaca zero, mas de idéias consolidadas sobre o tema.

Resta saber se sua obra é uma reprodução criativa dessas idéias, ou se, como dizem os

que admiram seu pensamento, ela trouxe alguma contribuição original para esse

fundamental e perene debate.

Giovanni Pico inicia seu Discurso afirmando que leu em escritos árabes que,

tendo sido perguntado sobre qual seria o espetáculo mais maravilhoso do mundo,

Abdala Sarraceno teria respondido: o homem. Resposta que concordaria com a frase

<sup>1</sup> Sobre Sócrates e o conceito de alma, conferir REALE, p. 187-231.

atribuída a Hermes: "Grande milagre, ó Asclépio, é o homem". O autor, então, indagase sobre o sentido dessas contestações: por qual razão seria o homem um grande milagre? Pelos seus sentidos agudos? Pelo poder da sua razão? Por ser soberano das criaturas inferiores? Estas coisas, reconhece, são importantes, mas "não tais que consintam a reivindicação do privilégio de uma admiração ilimitada" (p. 49). Por que os

seres humanos deveriam ser mais admirados, por exemplo, que os anjos (criaturas que,

na religião judaico-cristã, situam-se entre os homens e Deus)?

Para explicar isso, Pico vale-se de um discurso que, à maneira de Platão, mais se assemelha a um mito. Narra o autor que, após a construção do mundo, Deus desejou que houvesse nele um ser "capaz de compreender a razão de uma obra tão grande". Por isso, após tudo criar, pensou em criar também o homem. Dos arquétipos utilizados para a modelação das criaturas, porém, nada havia sobrado. Os lugares do universo também já estavam todos ocupados. Como então poderia ser feito o homem? E qual seria a sua posição no cosmos? Não seria compatível com a inteligência divina desistir da proposta, nem deixar de se superar para realizá-la. A solução encontrada por Deus foi a seguinte: como não podia oferecer ao homem mais nada específico, determinou que a ele "fosse comum tudo o que tinha sido parcelarmente dado aos outros" (p. 51). O homem foi criado, assim, como ser de "natureza indefinida" e colocado "no meio do mundo" (p. 51). Não possuindo, portanto, uma "natureza", uma essência definida e imutável. Sua natureza, indefinida, carece ainda de uma definição, de uma determinação. Para realizar a si mesmo, para se determinar, o homem foi colocado no centro do mundo, ou seja, em uma posição que lhe permite buscar o mais adequado para definir sua própria essência. Imaginando o que Deus disse a Adão quando o criou, Pico diz:

Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de si mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tiveres seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo (p. 53).

Nesta passagem decisiva, aparece com força o antropocentrismo do autor. O homem está no "meio do mundo" não em um sentido físico ou topográfico, mas em um

Revista *Legis Augustus* (Revista Jurídica) Vol. 3, n. 1, p. 16-23, setembro 2010 ISSN: 1516-9367 sentido ontológico: ao homem são abertas possibilidades diversas para sua própria

realização. Quem está "no meio", afinal, tem mais facilidade para tomar qualquer

direção. A existência humana não foi limitada por Deus a um destino único ou a uma só

vontade. O homem está no meio para que ele possa escolher a sua direção, o seu

caminho próprio, para que ele se torne o que quiser ser. Note-se que a palavra

"antropocentrismo", aplicada ao pensamento de Pico della Mirandola, não significa que

o homem esteja livre de Deus. Tampouco que Deus não exista, ou ainda que não se

interesse pelo que é humano. O homem é, e será sempre, criatura de Deus, e é pelo Seu

desejo que ocupa o lugar central no mundo. O "antropocentrismo" de Pico não exclui

Deus, pelo contrário: como foi Deus quem deu ao homem o seu lugar central, a

realização humana de seu próprio destino é fruto da graça divina. O homem não é um

ser que Deus abandonou à própria sorte, mas uma criatura que Ele emancipou.

O homem, assim, é um ser *livre*, "árbitro e soberano de si mesmo". Isso implica

que sua natureza indefinida não deve permanecer indefinida. Ela deve ser definida,

determinada, como a natureza dos outros seres criados por Deus, como os anjos e as

bestas. Ocorre que quem determinará a natureza humana é o próprio homem, ou melhor,

cada homem considerado individualmente. A liberdade, para Pico, não é meramente um

"dom" dado por Deus ao homem, mas a capacidade de escolher dentre diversas

possibilidades. Cada homem, ao decidir seu destino, decidirá também o que é. Poderá

degenerar e se tornar semelhante aos animais ou regenerar-se e tornar-se como os anjos.

Afastar-se ou aproximar-se da perfeição, eis as possibilidades que estão diante do ser

humano.

A felicidade do homem, diz Pico della Mirandola, é "ser aquilo que quer". As

bestas, ao contrário, desde o momento em que são concebidas, trazem consigo, no

ventre materno, "tudo aquilo que depois serão". Algo semelhante ocorre com os

espíritos superiores (como os anjos), que desde a sua criação foram o que eternamente

serão. No homem, ao contrário, estão presentes as sementes de tudo, que crescerão e

frutificarão "segundo a maneira de cada um as cultivar". Conclui, então, o autor:

Ao homem nascente o Pai conferiu sementes de toda a espécie e germes de toda a vida, e segundo a maneira de cada um os cultivar

assim estes nele crescerão e darão os seus frutos. Se vegetais, tornar-

Revista *Legis Augustus* (Revista Jurídica) Vol. 3, n. 1, p. 16-23, setembro 2010 se-á planta. Se sensíveis, será besta. Se racionais, elevar-se-á a animal celeste. Se intelectuais, será anjo e filho de Deus, e se, não contente com a sorte de nenhuma criatura, se recolher no centro da sua unidade, tornado espírito uno com Deus, na solitária caligem do Pai, aquele que foi posto sobre todas as coisas estará sobre todas as coisas (p. 53).

Esta passagem mostra que há no homem possibilidades que podem ou não se realizar. A mais elevada de todas é a vida contemplativa, que torna o homem *uno* com Deus. Neste sentido, o homem é *imagem* de Deus, pois traz em si possibilidades infinitas, que o tornam criador do seu próprio destino. Como imagem, o homem é um *microcosmo*, uma realidade intermediária entre o mundo e Deus.

Diante disso, devemos repetir o questionamento feito acima: há algo novo na concepção de Giovanni Pico della Mirandola, ou apenas uma exposição original de idéias já sustentadas por outros filósofos? A meu ver, não há originalidade na *escolha* da temática (dignidade humana). As possibilidades inerentes à alma humana (vegetativa, sensitiva e racional) foram objetos de estudo da filosofia desde a Antiguidade. O livre-arbítrio, como possibilidade de escolha dada por Deus ao homem, foi tratado por muitos escritores cristãos desde Santo Agostinho. E a idéia de uma hierarquia entre os seres (vegetais/animais/homens/anjos/Deus) é comum a todo o pensamento medieval. A originalidade de Pico não está, assim, na escolha do tema que aborda, mas no modo pelo qual, em função do espírito do seu tempo, articula de forma criativa elementos teóricos que estavam em discussão há séculos.

Com efeito, o autor não se limita a dizer que o homem é livre para escolher seus próprios fins, mas que, ao escolhê-los, o homem *encontra a sua própria essência*. O homem não é apenas o "animal racional" capaz de escolher, mas o ser *que está fadado a escolher*. É como se Deus houvesse condenado o homem à escolha, dado a ele a capacidade de, por seus atos livres, tornar-se o que deve ser. Percebe-se, então, que o homem está acima dos animais não simplesmente por ser racional, mas porque a razão o impele em direção a algo que nenhum animal pode conseguir: a determinação do seu próprio ser. É interessante relacionar essa constatação com outro aspecto da filosofia de Pico, o apreço pela *magia*, vista não como poder sobrenatural, mas como capacidade de conhecer a natureza, de descobrir seus segredos e transformá-la. O homem não está apenas "no mundo"; ele também atua "sobre o mundo", coloca-o a seu serviço.

Revista *Legis Augustus* (Revista Jurídica) Vol. 3, n. 1, p. 16-23, setembro 2010 ISSN: 1516-9367

22

Comentando a questão na Introdução à sua tradução de Pico, Maria de Lurdes Sirgado

Ganho afirma:

Tal questão inscreve-se na dignidade do homem, enquanto ser capaz de encontrar, pela razão, a íntima harmonia do universo, dominando o seu poder, colocando-o a seu serviço e desvendando os seus mais arcanos segredos. Tal concepção e magia seria a antecessora da

experimental moderna e da ciência tecnológica contemporânea. Daí algumas referências a Pico antecipando intuitivamente a concepção de um homem tecnológico, enquanto

defensor de uma ciência de domínio da natureza (p. 30).

Isto é interessante porque mostra de que modo o homem é semelhante a Deus. O

homem, ser livre, é capaz de atos de criação, de transformação de si mesmo e do

mundo onde vive. Sua dignidade decorre dessa capacidade criadora e inovadora, que o

torna imagem de Deus, microcosmo que reflete, em escala menor, o poder divino da

criação. O que torna Pico um dos primeiros renascentistas é essa visão da dignidade

humana como capacidade de autodeterminação e criação a partir da transformação da

natureza. A razão e a inteligência do homem não possuem exclusivamente um alcance

ético, mas também um viés poiético (de poiésis: produção, fabricação). A originalidade

de Pico, que o torna elo entre duas eras, a medieval e a moderna, está nessa visão do

homem. A liberdade é o dom que o homem recebeu. Sua dignidade está em saber usá-lo

bem, transformando o mundo e a si mesmo em direção ao melhor:

Que a nossa alma seja invadida por uma sagrada ambição de não nos contentarmos com as coisas medíocres, mas de anelarmos às mais

altas, de nos esforçarmos por atingi-las, com todas as nossas energias,

desde o momento em que, querendo-o, isso é possível (p. 55).

O melhor, assim, é tudo aquilo que eleva o homem, que o torna construtor,

criador, uma espécie de demiurgo do mundo, aproximando-o de Deus. É isso que,

segundo Pico, converte o homem em um ser digno, merecedor de respeito por parte dos

outros homens: o auto-aperfeiçoamento, a capacidade de se tornar, pelo uso da razão,

um "animal celeste", próximo à máxima perfeição.

Revista Legis Augustus (Revista Jurídica) Vol. 3, n. 1, p. 16-23, setembro 2010

## **REFERÊNCIAS**

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001. REALE, Giovanni. **Socrate. Alla scoperta della sapienza umana**. Milão: BUR, 2000. TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. v. I. São Paulo: Loyola, 2001.